

Entrevista com Eduardo Lopez

Adoção total do Linux

A gigante dos bancos de dados Oracle adota firmemente a plataforma Linux no desenvolvimento de soluções, nos processos internos e nas propostas aos clientes, como afirma o vice-presidente da empresa no Brasil, Eduardo Lopez

POR ALEXANDRE BARBOSA

A Oracle é um dos maiores provedores de ferramentas corporativas no mundo, fornecendo de bancos de dados a ferramentas de gestão empresarial (ERP). E entre os grandes fabricantes de soluções tecnológicas para empresas, a Oracle pode ser encaixada entre os grandes promotores do Linux, ao adotar a plataforma em seus sistemas internos e nos produtos recomendados aos clientes, como a família 10g, a mais recente geração de produtos Oracle, que abrange banco de dados, servidor de aplicações e gerenciador de sistemas corporativos (Oracle Enterprise Management). Lançada em novembro de 2003, essa família de produtos foi desenvolvida para tirar o máximo proveito das vantagens da plataforma Linux.

O investimento da Oracle na plataforma Linux vem desde 1998, quando a empresa criou uma equipe de desenvolvimento focado nesse sistema operacional. Naquele ano, a Oracle lançou a primeira versão do seu banco de dados compatível com Linux. Hoje, mais de mil desenvolvedores Oracle usam esse ambiente para desenvolvimento. Outra demonstração da força do Linux são os mais de 4 mil fornecedores de software independentes (ISVs) com os quais a empresa mantém parcerias, que optaram por desenvolver soluções com Linux. Na ponta dos serviços, a Oracle oferece suporte técnico integrado ao Red Hat Advanced Server e a todos os sistemas operacionais baseados na plataforma UnitedLinux.

Para saber um pouco mais sobre as estratégias da empresa, a equipe da Linux Magazine conversou com Eduardo Lopez, 44 anos e vice-presidente de Tec-

nologia da Oracle no Brasil, executivo que afirma que o Linux é uma plataforma recomendável tanto do ponto de vista da segurança como em desempenho, mesmo em servidores de missão crítica. Na entrevista exclusiva dada pelo executivo, Lopez falou sobre a vantagem do Linux poder romper a dependência de um único fornecedor de sistema operacional e acrescentou que a substituição dos modelos atuais de computação pelo desenvolvimento compartilhado pode ajudar a trazer inovações.

Linux Magazine » Há uma estratégia comercial específica da Oracle para Linux?

Eduardo Lopez » Nós não temos uma iniciativa segmentada para o Linux. O mais correto seria dizer que o Linux é um elemento-chave de nossa estratégia comercial. Isso significa que a Oracle, ao se aproximar de um cliente ou cliente em potencial, não visa apenas a venda de produtos para atender a um determinado problema. Nossa meta é mais ousada: queremos chegar ao cliente e mostrar a possibilidade de oferecer uma nova visão sobre o papel da tecnologia dentro da organização, sempre de forma alinhada com o negócio do cliente. E esse posicionamento implica em propor novas arquiteturas para a área de TI, envolvendo o emprego avançado de servidores de aplicações e ferramentas de colaboração, ou seja, propostas de soluções abrangentes que resultem em redução de custos e melhoria dos níveis de serviço. É aí que o Linux entra, porque ele é um elemento essencial para garantir alta disponibilidade. E isso não se traduz apenas em sistemas mais estáveis ou abrangentes mas também em novas abordagens, como a computação



em grid, que introduz uma nova forma de aproveitamento de equipamentos legados. Então podemos dizer que o Linux está dentro de uma visão de arquitetura tecnológica na Oracle, o que faz dele um elemento presente em todas as nossas apresentações.

LM » Mas a empresa mantém suas ofertas para outros sistemas operacionais?

EL » Sim. Mas isso não entra em conflito com a nossa proposta, que é centrada na arquitetura da tecnologia. O Linux faz parte de diversas soluções que podem ser propostas para um cliente corporativo, seja ao propor uma visão de alta disponibilidade ou uma solução mais eficiente de recuperação de dados. Mas falar só desses atributos ou de *disaster recovery* não é suficiente para motivar um executivo de tecnologia a pensar em mudar o ambiente tecnológico de Unix ou Microsoft para o Linux. O cliente precisa ter uma visão clara dos ganhos que ele pode obter com a evolução de sua infra-estrutura tecnológica e é por isso que insisto na importância da arquitetura dos sistemas, que deve ser pensada de forma a atender às necessidades imediatas, com bons índices de aproveitamento e preparada para o futuro.

LM » Qual é papel dos parceiros e integradores nesse processo?

EL » É fundamental contar com a participação dos parceiros e integradores. Primeiro porque, por maior que seja a estrutura da empresa, é difícil contar

com recursos para cobrir todo o mercado. Segundo, porque é através do trabalho conjunto com outros fornecedores que podemos propor aos clientes a melhor solução. Existem integradores que sabem lidar com todos os meandros do hardware, de sistemas operacionais, aplicações e bancos de dados, e muitas vezes é através dessas parcerias que conseguimos detectar oportunidades comuns e propor aos clientes novas formas de executar suas aplicações, obtendo vantagens no rendimento, escalabilidade ou redução de custos.

LM » Quando a empresa começou a desenvolver versões de seus aplicativos para o ambiente Linux?

EL » Nós começamos a olhar o Linux mais de perto a partir de 1998, seguindo o processo de evolução da plataforma. Ao perceber do que se tratava, a Oracle passou a apostar muito no Linux, desenvolvendo produtos que usam esse ambiente operacional como base para o processamento de informações. A empresa também fez grandes investimentos no sentido de portar suas aplicações para ambientes código aberto, o que foi completado com a versão 9 de nosso sistema, totalmente preparado para o Linux. Além disso, a empresa participa dos principais fóruns de desenvolvimento de soluções open-source.

LM » Que tipo de esforço a empresa faz em desenvolvimento?

EL » A Oracle conta com um grupo próprio - o Oracle Linux Kernel Group - com programadores especializados que trabalham em esquema 24x7, totalmente dedicados a desenvolver novos recursos ou promover melhorias em produtos envolvendo o Linux e até mesmo no próprio núcleo do sistema. Este time está dividido em duas equipes que ficam em núcleos nos Estados Unidos e na Índia. Além disso, a Oracle conta, hoje, com mais de 9 mil desenvolvedores certificados que podem criar novas ferramentas baseadas em nossos produtos e no Linux. Temos também uma ampla base de conhecimento técnico sobre Linux que fica à disposição do público interessado através do Oracle Linux Development Center, que é um centro de excelência que dá acesso a ferramentas, código fonte e versões de avaliação de nossos produtos. Gostaria de aproveitar e indicar dois endereços para os leitores

da Linux Magazine: o do Linux Technology Center (<http://otn.oracle.com/linux>) e o do grupo de desenvolvimento dedicado a fazer produtos da Oracle terem mais performance em ambientes Linux (<http://oss.oracle.com>).

LM » A empresa adotou uma estratégia de fornecer serviços de suporte para o sistema operacional em vendas envolvendo Linux. Essa oferta foi importante para fechar negócios no Brasil?

EL » A Oracle adotou uma política de, ao vender uma solução baseada em Linux, fornecer suporte técnico de primeiro nível sobre o sistema operacional para os clientes. Esse é um item importante, pois fornece um nível de tranquilidade maior para o cliente, mas não posso dizer que seja algo fundamental em termos de geração de negócio. É um serviço adicional que a empresa fornece para aumentar a segurança na escolha do cliente.

LM » Como a empresa encara o uso do Linux para aplicações de missão crítica?

EL » A Oracle é uma adota a política de utilizar internamente sua própria tecnologia. Muitos dos nossos sistemas corporativos rodam sobre Linux, a partir de um data center mundial que centraliza nossas operações. Vários de nossos sistemas são críticos para o negócio, como sistemas de administração interna de operações ou nosso sistema de e-mail.

Em Austin, no Texas, onde mantemos nosso datacenter, 100% dos cerca de 700 servidores de camada intermediária rodam Linux. Sobre essa plataforma, a Oracle mantém a maior parte dos sistemas da Oracle University, de e-mail, do website, assim como das camadas intermediárias dos aplicativos de ERP/CRM e o Oracle File System. Além disso, a maioria esmagadora dos 350 clientes do datacenter nos Estados Unidos também adota a plataforma.

LM » Que tipo de cliente da Oracle no Brasil opta pelas versões Linux? Há um perfil definido dessas empresas?

EL » Não há um perfil definido para estas empresas. A escolha do Linux entre os clientes da Oracle depende muito do papel da tecnologia da informação dentro da empresa. Mas há um número significativo de projetos envolvendo Linux em desenvolvimento no setor governamental, que é o segmento que está influenciando muito o desenvolvimento e a adoção de soluções open-source.

LM » Existem barreiras que dificultam a adoção do Linux? O número relativamente pequeno de profissionais certificados é um problema?

EL » A Oracle tem forte atuação em serviços de suporte ao cliente. Até agora não encontrei uma empresa que dissesse que não vai adotar Linux por falta de pessoal especializado. A escolha entre adotar ou não o Linux tem mais a ver com o desenho e a evolução da companhia e de seus conceitos internos.

LM » Qual é a próxima onda tecnológica envolvendo o Linux?

EL » Uma tendência que acho importante destacar para os próximos anos é a adoção das soluções de grid computing, para as quais o Linux é um ambiente muito interessante. Mas para adotá-las, as empresas precisam começar a repensar, desde já, a sua cultura interna em relação à tecnologia e a arquitetura de seus sistemas. O desenho dessa arquitetura, feito com perspectivas de adoção de soluções de grid, pode ser feito aos poucos. Já fizemos estudos que comprovam que a adoção de soluções de grid pode manter a mesma qualidade de serviços com reduções entre 20% e 25% nos custos com as arquiteturas.

LM » Qual é, na sua visão, o estado de maturidade do Linux? Por que as empresas ainda resistem a adotar o Linux?

EL » O Linux já provou seu valor. É uma plataforma madura e em contínuo desenvolvimento. Quanto a uma resistência na adoção, insisto que é uma questão de cultura interna e de arquiteturas. Em geral, o uso do Linux segue um comportamento padrão: a princípio a empresa usa o Linux em sistemas menos críticos como servidores web ou de e-mail; com o tempo, a confiança gerada leva a experiências com outros sistemas até chegar ao ponto em que a credibilidade permite a adoção do Linux em sistemas críticos. Recentemente um executivo de um grande cliente brasileiro visitou nosso datacenter em Austin. Lá, ele viu que estávamos fazendo o processamento de um sistema crítico de outro cliente, da Ásia, em regime de outsourcing, envolvendo cerca de 3 terabytes de dados. Foi quando ele percebeu que podia usar tranquilamente soluções da Oracle com Linux. Ou seja, é uma questão de tempo para que as empresas passem a enxergar o Linux de forma diferente. ■